

Dos Saberes Implícitos: As Propostas de Análise em Habermas e em Charadeau

Implicit Knowledge: The Propositions of Analysis in Habermas and Charadeau

Rony P. G. Do Vale *

Renato De Mello **

RESUMO: Neste artigo, procuramos desenvolver uma análise descritiva e comparativa de dois conceitos que tentam dar conta da problemática a respeito dos saberes implícitos/partilhados: os conceitos de *mundo da vida* na proposta de J. Habermas (Teoria da Ação Comunicativa) e o de *imaginário sociodiscursivo* em P. Charadeau (Teoria Semiolinguística). Destacamos as características principais desses conceitos, evidenciando: i) as formas de percepção dos mesmos; ii) a composição estrutural; iii) a posição do(s) sujeito(s); e iv) os modos de materialização. Além disso, propomo-nos a apontar as restrições e as adaptações adquiridas por esses conceitos dentro das respectivas teorias.

PALAVRAS-CHAVE: saberes implícitos; “mundo da vida”; “imaginário sociodiscursivo”.

* Doutorando em Linguística pela FALE/UFMG. Desenvolve estudos em Análise do Discurso, focando a relação entre Argumentação/Retórica e sua interface com o Discurso Humorístico. Atualmente, atua como professor substituto do Departamento de Letras da UFV. E-mail: <ronyvale@ufv.br>.

** Doutor em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e Pós-doutor pela Université de Paris XIII (2004). Professor adjunto IV da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: <ufmgrenato@hotmail.com>.

ABSTRACT: In this paper, we develop a descriptive and comparative analysis of two concepts which try to give explanation of the problem about the *implicit/shared knowledge*: the concepts of *world of the life* in the proposal of J. Habermas (Theory of Communicative Action) and the *social-discursive imaginary* in P. Charaudeau (Semiolinguistic Theory). We highlight the main features of these concepts, showing: i) the forms of perception, ii) structural composition, iii) the position of individuals, and iv) the modes of materialization. Furthermore, we propose to point out the restrictions and adaptations acquired by these concepts in their respective theories.

KEY WORDS: implicit knowledge; “world of the life”; “social-discursive imaginary.”

1 Introdução

Nas discussões sobre as questões ligadas à língua e à linguagem, os saberes implícitos parecem possuir um lugar ora de primazia, ora de total isolamento. Para termos uma ideia disso, basta um olhar atento para os estudos linguísticos a partir da segunda metade do século XX. Nessa época, evidencia-se uma mudança do paradigma estruturalista com a retomada da noção de *sujeito*, o que propiciou uma volta às problematizações a respeito “daquilo” que estaria fora do enunciado, mas que, com este último, possibilitaria o estabelecimento de sentido. Esse “aquilo” que parece ser, ao mesmo tempo, externo e interno ao ato de linguagem apresenta-se, muitas vezes, de forma fluida, podendo estar escondido nas profundezas da mente do homem; ou diluído nas diversas e diferentes camadas de discursos sedimentados através da

história; ou, ainda, espalhado nas falas dos mais variados grupos que compõem as sociedades humanas. Por isso, a necessidade de se formalizar uma categoria que dê conta de explicar/explicitar esses saberes implícitos, individuais, coletivos, partilhados etc parece ser recorrente em diferentes áreas do conhecimento humano, como, por exemplo, na filosofia, na linguística, na história, na sociologia, entre outras.

Com isso em mente, este texto se propõe a apresentar duas categorias formais elaboradas no corpo de duas teorias que estudam a linguagem do ponto de vista do discurso: a Teoria Semiolinguística de Patrick Charadeau e a Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas. Enquanto a primeira busca uma descrição dos atos de linguagem para a análise dos mais variados tipos de discursos, a segunda trata do estabelecimento do sentido a partir do entendimento mútuo através do resgate das pretensões de verdade nos atos de fala. Apesar de tratarem em campos diferentes os problemas da linguagem e da comunicação, essas teorias, apontam similitudes, uma vez que ambos os autores – Habermas e Charadeau – partem “(...) de uma pragmática do discurso marcada pelos atos de fala, pelas intencionalidades e pela racionalidade da ação” (FOCAS, 2008, p. 7). Todavia, para que essa pragmática aconteça, é mister que exista uma espécie de contrato/acordo entre os parceiros (os sujeitos da linguagem) no qual um dos fatores mais importantes são os saberes partilhados. Esses saberes podem ser explícitos ou implícitos. É exatamente nesse ponto que desenvolveremos nossa análise: mostraremos como Habermas e Charadeau elaboram – ou reelaboram – conceitos para descrever os saberes implícitos necessários para que os sujeitos da linguagem estabeleçam sentido durante a comunicação.

Nosso trabalho pretende desenvolver essa análise da seguinte forma: na primeira parte, apresentaremos como, dentro das teorias aqui analisadas, os saberes implícitos foram

formalizados em categorias de análise, a saber: o conceito de *mundo da vida*, na Teoria da Ação Comunicativa, e o conceito de *imaginários sociodiscursivos*, na Teoria Semiolinguística; na segunda parte, propomos uma análise no interior desses conceitos, apontando os pontos de aproximação e distanciamento entre eles; por último, faremos uma reflexão sobre as contribuições da formalização desses conceitos no quadro metodológico dessas teorias.

2 As teorias e os conceitos

2.1 A teoria da ação comunicativa e o conceito *mundo da vida*

Habermas propõe que a Teoria da Ação Comunicativa seja uma teoria crítica da sociedade por meio da análise dos atos de fala, buscando revelar que somente a partir do “agir comunicativo” a sociedade alcançará a “emancipação”. Assim, em sua crítica à teoria da significação, Habermas se apoia numa reformulação da Teoria dos Atos de Fala de Austin e Searle, acreditando que o sentido, num ato de fala, só se manifesta quando o ouvinte consegue resgatar, pela possibilidade da pressuposição/adiantamento na intenção do sujeito falante em estabelecer um acordo, as pretensões de verdade, mesmo que essas não sejam verdadeiras, mas pretendam passar-se por tal. Entretanto, para que haja essa possibilidade de pressuposição das pretensões de verdade nos enunciados, faz-se necessário que tanto o sujeito falante quanto o sujeito ouvinte estejam de posse de saberes partilhados sobre o mundo e sobre o modo de como devem comunicar. Com efeito, é durante a interação (entre os sujeitos) que o resgate discursivo dessas pretensões, da qual os saberes implícitos e partilhados são a base, poderá ocorrer. Logo, a necessidade de Habermas trazer para sua teoria o conceito de *mundo da vida*.

Segundo Siebeneichler (1989), esse conceito, elaborado inicialmente na fenomenologia e na hermenêutica, tinha como sinônimos os termos “corrente da vida”, em E. Husserl, e “conjunto de referências do mundo cotidiano”, em A. Schütz e M. Heidegger. Habermas reelabora esse conceito dando-lhe caráter mais amplo e colocando-o num nível linguístico. Além disso, Habermas (1990) estabelece que o conceito fenomenológico *mundo da vida* deve ser desligado de uma teoria do conhecimento no qual esse conceito seria responsável pela construção do mundo simbolizado. Destarte, para poder ser aplicado a uma teoria de crítica da sociedade, o conceito de *mundo da vida* será associado ao conceito pragmático do “agir comunicativo”. Esse pressupõe o estabelecimento de sentido numa co-construção pela interação e, conseqüentemente, uma reformulação da perspectiva metódica: não mais da primeira pessoa, nos performativos, mas da terceira.

Com essas advertências, Habermas define *mundo da vida* como um conceito formal que abrange:

(...) o conjunto de referências da situação de ação, que é gerado através da linguagem e do entendimento intersubjetivo. Este conjunto de referências possui uma dupla função: a de formar o horizonte ou pano de fundo não tematizável da situação de ação comunicativa e de servir de celeiro cultural de convicções e de idéias básicas (SIEBENEICHLER, 1989, p. 118-119).

Nessa definição são apontados os componentes que norteiam a elaboração do conceito, a saber: a função formadora de horizontes de saberes e de contextos. Esses saberes ora implícitos, ora não-tematizáveis que se formam dentro do *mundo da vida* são elencados de acordo com seu papel na situação de comunicação. De acordo com Habermas (1990, p. 96-98), esses saberes podem ser agrupados da seguinte forma:

- *Saber-acerca-de-um-horizonte*: que diz respeito ao espaço e ao tempo no qual se realizam as situações de comunicação. Seria estabelecido juntamente com as biografias dos parceiros do ato de comunicação, ou seja, pertence à história desses parceiros. Logo, esse saber está diretamente ligado às competências discursivas dos parceiros na comunicação;
- *Saber-acerca-de-um-contexto, dependente-de-tema*: esse saber diz respeito aos temas que podem ser abordados em determinado contexto. Assim, ao tomar um tema, o sujeito falante levanta, juntamente, objetivos que podem indicar o grau de informatividade dos enunciados. Esses objetivos podem indicar, também, o nível de entendimento que ocorre em uma dada situação de comunicação, como, por exemplo, o que acontece durante um mal-entendido, resultante do desconhecimento do ouvinte dos saberes não-tematizados pressupostamente compartilhados intersubjetivamente com o sujeito falante; e
- *Saber-acerca-de-um-pano-de-fundo, oriundo do mundo da vida*: esse saber, não-tematizado, difere dos outros saberes por não ser acessível aos sujeitos do ato de comunicação. Ele constitui um saber pré-reflexivo e implícito no qual os outros saberes se enraízam. Além disso, devido à sua maior estabilidade, esse tipo de saber não está disponível para problematizações.

O que podemos depreender é que esses saberes somente serão percebidos em momentos nos quais surgirem obstáculos, desafios e/ou ameaças coletivas a respeito do *mundo da vida*, levantando questionamentos diversos. Contudo, nesses momentos, somente *pequenas parcelas* dessa percepção serão depreendidas no processo de questionamento. Destarte, os

sujeitos do ato de comunicação terão papéis diferentes a respeito desse questionamento e dessa percepção. Segundo Siebeneichler (1989), o conceito de *mundo da vida* para os participantes do ato de comunicação é o contexto implícito, relativamente inacessível à tematização, mas que, tido como “auto-consciência intersubjetiva”, é aceito e, raramente, gera problematizações. Para o teórico que analisa o ato de comunicação, o conceito de *mundo da vida* é uma *ressource* (fonte) de ideias e convicções, não-problematizadas, mas organizadas linguisticamente, o que implica modelos de interpretação.

Como acabamos de ver, o *mundo da vida* é composto de saberes. É preciso, agora, apresentar mais dois pontos importantes na construção desse conceito proposto por Habermas: 1) a composição estrutural do *mundo da vida*; e 2) os tipos de materialização dos saberes que o compõem.

Em (1), Habermas (1990) decompõe o conceito *mundo da vida* em três componentes:

- Componente “cultura”: formado pelos conhecimentos armazenados numa cultura e transmitidos de geração em geração, garantindo a interpretação dos enunciados;
- Componente “sociedade”: baseado nas ordens que garantem a união entre os elementos do grupo social; e
- Componente “personalidade”: constituído na identidade e na competência comunicativa dos parceiros.

Em (2), Habermas (1990) afirma que:

[o] mundo da vida estrutura-se através de tradições culturais, de ordens institucionais e de identidades criadas através de processos de socialização. Por isso, ele não constitui uma organização à qual os indivíduos pertençam como membros,

nem uma associação à qual se integram, nem uma coletividade composta de membros singulares. A prática comunicativa cotidiana, na qual o mundo da vida está centrado, alimenta-se de um jogo conjunto, resultante da reprodução cultural, da integração social e da socialização, e esse jogo está, por sua vez, enraizado nessa prática (HABERMAS, 1990, p. 100).

Ou seja, os saberes que formam o conceito de *mundo da vida* podem se materializar dos mais diversos modos, devido à amplitude dada ao conceito por Habermas. Contudo, é na “prática comunicativa do dia-a-dia” e na interação que eles – os saberes – demonstram sua força em relação à interpretação dos enunciados, ou seja, é a partir deles que o agir comunicativo poderá se realizar de maneira plena.

2.2 A teoria semiolinguística e o conceito de *imaginários sociodiscursivos*

A Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau faz-se apresentar, dentro do quadro teórico da Análise do Discurso, como uma “teoria dos sujeitos da linguagem”. Isso garante a ela o título de teoria que procura estabelecer uma análise dos atos de linguagem a partir da relação sujeito/linguagem, levando-se em conta um trabalho semiótico e linguístico; isto é, para a Teoria Semiolinguística, a relação entre a linguagem e o contexto sócio-histórico é que torna possível a criação dos sentidos nas “trocas languageiras”. Logo, a compreensão do “signo linguístico” só é possível se entendermos a situação na qual ele acontece, o que pode acarretar diferentes interpretações. Assim, Charaudeau (2008) vai construir um aparato metodológico de análise composto por diversas categorias entre as quais destacamos: o contrato de comunicação, os modos de organização do discurso, as modalidades enunciativas etc. Todavia, como já colocamos na introdução, os saberes

implícitos e partilhados também constituem um ponto central nessa teoria, pois, por exemplo, para firmar contratos de comunicação, são necessários os conhecimentos sobre a situação de comunicação e sobre as circunstâncias nas quais um ato de linguagem acontece. A questão é que esses saberes, muitas das vezes, apresentam-se de forma implícita, ou seja, são saberes pressupostos e, ao mesmo tempo, não-tematizados.

Para resolver esse problema, Charaudeau (2006, 2007) propõe a utilização da categoria de *imaginário sociodiscursivo* como forma de descrever os saberes partilhados explícita e implicitamente pelos participantes do ato de linguagem. Primeiramente, Charaudeau (2007) adverte que o termo “imaginário” apresenta diferentes sentidos de acordo com a sua aparição no decorrer do pensamento filosófico: a) como fantasioso, no pensamento clássico; b) como intersecção entre a dualidade do eu, isto é, “eu-individual” e o “eu-coletivo”; c) como diversos discursos que testemunham uma determinada sociedade. Por sua vez, o conceito de *imaginário sociodiscursivo*, de acordo com Charaudeau (2006), tem suas bases no conceito de “imaginários sociais” de Cornelius Castoriades, que coloca os imaginários como a capacidade de simbolização da realidade em um determinado domínio de prática social (artística, política, jurídica etc.) por um grupo social. Contudo, Charaudeau (2007) vai reformular esse conceito dentro do campo da Análise do Discurso:

(...) o imaginário pode ser qualificado de sociodiscursivo na medida em que se constrói a hipótese de que o sintoma de um imaginário é o discurso. Com efeito, o imaginário resulta de uma atividade de representação que constrói universos de pensamento, lugares de instituição de verdades, e essa construção se faz pelo viés da sedimentação de discursos narrativos e argumentativos, propondo uma explicação dos

fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos¹
(CHARAUDEAU, 2007, p. 54 – tradução livre).

O que se coloca, portanto, é a importância da construção desses imaginários nos discursos e a sua relação com o real construído também através dos discursos. Partindo disso, Charaudeau (2006) afirma que o analista do discurso deverá verificar como se dá a constituição desses imaginários, onde eles surgem, suas formas de materialização etc. Desse modo, Charaudeau caracterizará o conceito de “imaginário social” de maneira a transformá-lo numa categoria formal no quadro da Teoria Semiolinguística, esclarecendo que a estrutura do conceito de *imaginário sociodiscursivo* se dá a partir de um engendramento de saberes realizado pelas representações sociais². Essas representações sociais dizem respeito às formas de organização dos “(...) esquemas de classificação e de julgamento de um grupo social e [que] lhe permitem [aos saberes] exhibir-se através de rituais, de estilizações de vida, de signos simbólicos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 196). Ou seja, elas – as representações sociais – não são um subconjunto dentro dos imaginários; elas organizam os saberes por meio de uma semelhança semântica relativamente estável. Os saberes, por sua vez, são as *maneiras de dizer* tais representações, ou seja, são

¹ No original: “(...) cet imaginaire peut être qualifié de socio-discursif dans la mesure ou on fait l’hypothèse que le symptôme d’un imaginaire est la parole. En effet, celui-ci résulte de l’activité de représentation qui construit des univers de pensée, lieux d’institution de vérités, et cette construction se fait par le biais de la sédimentation de discours narratifs et argumentatifs proposant une explication des phénomènes du monde et des comportements humains.”

² Conceito elaborado pela Psicologia Social, as *representações sociais* são consideradas como as maneiras de se compreender a realidade. Com elas, “a sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte, das ciências, da religião, assim como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas” (MAUSS *apud* MINAYO, 1995, p. 92).

eles que dão estrutura àquelas. Charadeau (2006, p. 197) os classifica em:

- *Saberes de conhecimento*: procuram estabelecer uma verdade sobre o mundo, constituindo um saber exterior ao homem. Desse modo, o mundo se impõe ao homem como realidade por si mesmo. Esse saber pode ser subdividido em: *savant* (próximo do saber “científico”; da ordem do que pode ser provado) e de experiência (próximo de um conhecimento que pode ser experimentado); e
- *Saberes de crença*: procuram também estabelecer uma verdade sobre o mundo, mas por meio de avaliação e julgamento, daí um engajamento daquele que enuncia em relação ao conhecimento enunciado. Com isso, o homem se impõe ao mundo, que passa por um filtro interpretativo do sujeito. Pode se apresentar na forma de uma revelação (semelhante às verdades doutrinárias) e de opinião (marcadas por um engajamento do sujeito).

Com os tipos de saberes expostos, ainda é necessário mostrar como os “imaginários” podem se materializar e como eles podem ser percebidos pelos sujeitos. De acordo com Charadeau (2006), os *imaginários sociodiscursivos* podem se dar de diversas formas, entre elas: em comportamentos sociais (rituais); em diferentes tipos de produção cultural e tecnológica; e em construções simbólicas. No entanto, afirma o mesmo autor, para que haja uma materialização discursiva dos “imaginários”, é necessária uma racionalidade discursiva que se encontra nos textos orais ou escritos e nos “(...) enunciados de diversas configurações, mas com núcleo semântico estável” (CHARAUDEAU, 2006, p. 205). Por sua vez, a percepção dos

imaginários depende do número de sujeitos envolvidos, o que concede uma especificação diferente para os imaginários:

- *Imaginário pessoal*: quando diz respeito à percepção individual do sujeito em relação a determinado imaginário. Este pode ser, segundo Charaudeau (2007), julgado ou sentido de acordo com a história íntima do sujeito; e
- *Imaginário social*: quando diz respeito a uma atividade de simbolização do mundo dentro de domínios de práticas sociais (artística, política, jurídica, religiosa, educativa etc.)

Além disso, cabe salientar que essa percepção dos *imaginários sociodiscursivos* acontece em situações de comunicação nas quais parece haver uma problematização a respeito desses imaginários ou uma comparação dos imaginários com imaginários estrangeiros; mas a maior parte dos imaginários parece mesmo estar imersa no inconsciente coletivo, numa memória coletiva, tecido através da história.

3 *Imaginário sociodiscursivo e mundo da vida: diferenças e similitudes*

Nesta segunda parte, buscaremos apontar, descritivamente, algumas similitudes e diferenças entre os conceitos *imaginário sociodiscursivo* e *mundo da vida*.

Primeiramente, destacaremos a possibilidade de percepção desses conceitos. Para que o conceito de *mundo da vida* seja problematizado, é necessário – como vimos – que um obstáculo, um desafio ou uma ameaça coletiva recaia sobre o “mundo da vida”. Ou seja, Habermas não especifica os tipos de

“ameaças coletivas”, mas garante que é a existência de tais “ameaças” que possibilitaria aos contemporâneos alguma percepção desse mundo. Se a isso compararmos a possibilidade de percepção do conceito de *imaginário sociodiscursivo*, veremos, pois, que as tais “ameaças coletivas” de que fala Habermas se **assemelham**, *grosso modo*, a situações nas quais um imaginário pode ser questionado. Além disso, tanto para Habermas quanto para Charadeau, os saberes que compõem os conceitos de *mundo da vida* e de *imaginário sociodiscursivo* estão, a maior parte do tempo, imersos no desconhecido: os imaginários, no inconsciente coletivo; o mundo da vida, no saberes *acerca-do-pano-de-fundo*.

A respeito da composição estrutural desses conceitos, sabemos que esses são compostos por saberes; porém, interessamos mostrar que não há uma relação direta entre os saberes que compõem o conceito de *imaginário sociodiscursivo* e o de *mundo da vida*. Entretanto, ao conceder a seu conceito uma amplitude maior, Habermas garante a cada um dos saberes componentes do *mundo da vida* também um alcance amplo, o que nos faz perceber que um saber como o *acerca-de-um-horizonte*, que versa sobre os temas de um enunciado, os objetivos levantados conjuntamente e o grau de informatividade, poderia conter, em seu bojo, os saberes de conhecimento e de crenças propostos por Charadeau. Por sua vez, esses mesmos saberes de conhecimento e de crenças mantêm uma relação **quase** direta com o componente “cultura”, proposto por Habermas, pois é nesse componente que estão armazenados todos os tipos de conhecimentos transmitidos de geração em geração por um grupo, ou seja, em forma de textos orais ou escritos.

A posição dos sujeitos também pode ser percebida em relação aos dois conceitos analisados. Para a Semiologia, o sujeito desempenha papel essencial na forma de julgamento de

imaginário sociodiscursivo, tanto que “imaginário” pode ser classificado como individual ou social. Com efeito, essa postura que o sujeito pode tomar frente ao “imaginário” é que evidencia uma diferença entre os conceitos. Diante dos saberes *acerca-do-pano-de-fundo do mundo da vida*, o sujeito não tem a possibilidade de se posicionar; simplesmente a ação desse sujeito é a de aceitar sem problematizar os saberes, pois a maioria deles se apresenta já aceitos previamente:

Na perspectiva dos participantes da ação comunicativa, o mundo da vida constitui o contexto ou lugar quase-transcendental onde se formam os processos de entendimento e onde os falantes e ouvintes se movimentam. É preciso ter presente que este contexto permanece sempre implícito, portanto, inacessível a qualquer tematização, uma vez que não se encontra à nossa pela disposição. Não podemos tematizá-lo de acordo com o nosso arbítrio, porque ele permanece ‘às nossas costas’ (SIEBENEICHLER, 1989, p. 119).

Podemos perceber que essa diferença de postura dos sujeitos evidencia a diferença de funções estabelecidas para os dois conceitos analisados. Enquanto o conceito de *mundo da vida* tem como função básica proporcionar aos contemporâneos conhecer *parte* dos saberes implícito-coletivos que, de alguma forma, determina/possibilita, em diferentes graus, a interpretação dos atos de fala; o conceito de *imaginário sociodiscursivo* tem a função de dar “(...) testemunho das identidades coletivas, da percepção que os indivíduos e os grupos têm dos acontecimentos, dos julgamentos que fazem de suas atividades sociais” (CHARAUDEAU, 2006, p. 207). Ou seja, enquanto um se preocupa com as possibilidades de garantir o entendimento mútuo, o outro é focado sobre a função descritiva dos componentes do ato de linguagem.

Isso reflete, aliás, outra diferença: a materialização desses conceitos, ou melhor, de seus componentes. Charaudeau

(2006) levanta várias possibilidades de materialização dos *imaginários sociodiscursivos*, desde materializações não discursivas como os rituais, as produções culturais e tecnológicas, até as discursivas como os textos orais e escritos, e os enunciados semanticamente estáveis. Habermas (1990, p. 100), por sua vez, concede primazia à “*prática comunicativa do dia-a-dia*”. Nada mais justo, se pensarmos que o que interessa a Habermas é o *agir comunicativo* presente nos atos de fala. Isso se deve à possibilidade de os atos de fala trazerem, também em seu interior, outro tipo de agir: o *agir estratégico* voltado para fins, isto é, atos de fala que não pretendem estabelecer um acordo, mas a realização de uma ação que, por exemplo, mude um dos parceiros da comunicação sem lhe dar o direito do debate, da discussão. Em Charadeau (2006), essa preocupação não existe, pois são colocadas em evidência as formas de descrição do discurso e de seus componentes, o que pressupõe, para que haja o acontecimento de um discurso, um determinado tipo de entendimento, em diferentes graus, representado pelo contrato tácito estipulado em todo ato de comunicação.

4 Considerações Finais

Nesta seção, retomaremos sumariamente alguns pontos. Em primeiro lugar, evidenciamos o fato de os conceitos analisados – *imaginário sociodiscursivo* e *mundo da vida* – serem retomados de outras áreas de conhecimento e reformulados dentro de duas teorias que tratam as questões de linguagem com enfoques por vezes semelhantes, porém com objetivos diferentes. Todavia, podemos perceber que ambos os conceitos têm a pretensão de esclarecer os problemas a respeito de saberes implícitos quase sempre presentes nos atos de comunicação.

Em segundo lugar, em cada uma das teorias – Teoria Semiolinguística e Teoria da Ação Comunicativa –, podemos perceber que os conceitos analisados vão adquirindo restrições e ampliações (adaptações) de acordo com as questões que problematizam. Assim, enquanto, por um lado, o conceito de *mundo da vida* visa a dar luz sobre os conhecimentos necessários para o entendimento; por outro, o conceito de *imaginário sociodiscursivo* almeja atingir uma forma de descrição dos possíveis saberes que compõem os enunciados. Saberes esses que se apresentam explicita ou implicitamente.

Em terceiro lugar, queremos destacar a contribuição que cada um dos conceitos analisados traz para o corpo das teorias nas quais eles se desenvolvem: os *imaginários sociodiscursivos* propiciam as descrições dos paradigmas que dão base aos saberes de uma determinada sociedade, em uma determinada época; já o *mundo da vida* contribui para a análise dos pressupostos do agir comunicativo que são necessários para o resgate das pretensões de validade, nos atos de fala.

Por último, lembramos que essa aproximação entre os conceitos tem somente um caráter descritivo e não exaustivo. Além disso, não foi nosso objetivo apontar qual desses conceitos é melhor ou pior, mais ou menos funcional; pelo contrário, desejamos apontar para a diversidade teórica existente a respeito dos fatos da linguagem, ou seja, demonstrar, apoiados em Saussure, que não há somente um ponto de vista sobre o mesmo objeto – nesse caso particular, sobre os saberes implícitos.

Referências Bibliográficas

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: os modos de organização do discurso. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In : BOYER, H. **Stéréotypage, stéréotypes** : fonctionnements ordinaires et mises en scène. Langue(s), discours. vol. 4. Paris: Harmattan, 2007. p. 49-63.

_____. Da ideologia aos imaginários sociodiscursivos. In: **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 187-208.

FOCAS, J. **Habermas e Charadeau**: guinada da semiolinguística. Belo Horizonte: FALE/UFG, 2008. 11 f. Mimeografado.

HABERMAS, J. Guinada Pragmática. In: **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 65-134.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. p. 8-53.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 149-185.

SIEBENEICHLER, F. B. **Jurgen Habermas. Razão comunicativa e emancipação**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

Data de recebimento: 28/09/2009

Data de aprovação: 10/03/2010

